

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.



Distribui-se duas vezes por mez, e assigna-se a 15500 reis por trimestre.

Para servir-vos, braço, as armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CAMÕES.

A FLORESTA.

Theresina, 22 de Maio de 1882.

Esperancosos na senda espinhosa que encetamos, não podemos deixar de agradecer ao publico o acolhimento que bondosamente prestou ao nosso jornalzinho. Seria de admirar que em uma sociedade, como a nossa, não houvesse homens que pugnassem pela instrucção e adiantamento dos seus futuros concidadãos.

Com tudo, se uma parte d'ella nos apresenta a taça do desanimo, furtando-se ao patriotismo que deve ornar os seus corações; outra, porém, dá nos o braço para seguir, empunha-nos as espada do athleta das letras!

A' esta um amplexo filial, áquella uma lembrança negra do seu passado!

Algum dia receberéis das gerações futuras o anathema dos homens, sereis marcada com o ferrete da hierarchia dos imbecis e criminosa da penna de Cicero!

Oh! é realmente indigno o coração d'aquelle que se reveste de bronze perante a sciencia, perante o progresso! Mas infelizmente a «Floresta» é publicada na capital do Piahy, onde se tem em pouco apreço as artes e sciencia de seus comprouvianos; é redigida por moços que se dedicam ao estudo, e esta classe que constitue a distincção de todos os paizes civilisados, aqui, pelo contrario, é tida ao nivel da degradação social! O joio que penetra em uma seara não trará o damno a toda ella; em uma classe nem todos têm a mesma eiva, nem todos são dignos da mesma censura, nem merecem o mesmo qualificativo! Mas nós, oh! mocidade estudiosa, somos culpados e dignos de tudo isto, porque deixamos-nos levar, como uma folha desprendida, pelo sopro do maledicencia, baixamos a fronte e calamos os escar-

neos e infamias atirados ás nossas faces e á nossa reputação!

Se soubessemos devolver os vis epithetos que nos são assacados, se tivéssemos por costume, apontar as aspersiones de outrem, se fizessemos potente que tambem temos melindre a offender-se, se fizessemos, em fim, sentir as excepções, de certo, teriamos melhor conceito, gosariamos de boa fama.

A turba assustada que nos olha como salteadores da vida alheia, esteja calma, que, apesar de sermos estudantes, temos dignidade a perder, e nunca nos afastaremos das raias do decoro e da decencia.

Jamais ousaremos penetrar no recinto sagrado da familia, jamais queimaremos o incenso da calumnia em tão venerando santuario! E' diverso o nosso caminho. Só temos em vista pugnar por tudo quanto for justo, sublime e decoroso.

E vós, braços que sustentaes o phanal na estrada tenebrosa do nosso futuro, sejaes firmes que saberemos vencer os espinhos que se cravam aos nossos pés, teremos animo para seguir! Zoilos famintos que nunca vos saciastes, mordam-se, ladrem, que na nossa —Floresta—nunca repercutirão vossos bramidos!

Uma cruz vejectando.

O mundo é uma mizeria, gloria fumo
A noite um beijo e esta vida um sonho
Pesado ou doce que se esvae na campa.

(C. DE ABRUC.)

Era em uma bella e risonha manhã. O astro do dia muitas vezes occulto pelas nuvens que se reunião no espaço, deixava-nos uma claridade opaca e doce que nos embriagava a alma e revivia nosso ser extasiado na contemplação d'esse quadro sublime.

A FLORESTA

Havia naquelles momentos uma pequena guerra entre os raios do sol e as nuvens reunidas que se opunham a passagem franca das centelhas desse fogo luminoso, e cujo resultado nos era agradável.

As flores dos prados e das margens dos caminhos, moviãõ-se brandamente ensopadas dos pingos do orvalho que os céos lhes enviãra, como esses beijos puros sahidos dos labios innocentes da criança. Uma sorria-se para outra: e todas estremeciãõ-se alegremente, regorgitando de jubilo, davãõ graças ao Creador dos mundos pelos beijos doces e vevificantes que lhes enviãra em tão poetica manhã.

Derramavãõ-se pelo campo mil florzinhas bellas cedendo uma parte de seus perfumes á brisa que fagueira beijava-lhes a face e lhes pedia essa graça, como ao céu um pingo de orvalho.

Os passaros trinavãõ com o apparecimento do dia; uns occultos ainda em densa folhagem, outros pulando sobre a relva e como que convidando a seus companheiros, com o bater das asas e um arrulo dôce e encantador, a virem partilhar o prazer que gosavãõ.

Tudo estava esplendido e radiante: éra Deus revelado pela natureza ! . .

E qual o vivente que não se convenceria do grande poder do Omnipotente, presenciando o verde sublime com que ornou os campos, a voz que deo aos maviosos cantores da floresta, o murmuro saudoso da fonte que serpeia, as mil formas que teem as flores, a brisa que passa vagarosa a gemer, e o sol que dá tão brilhantes cores a tudo que existe sobre a terra ?

E qual aquelle que negará ser obra de um ente divino, que lhe deo sensibilidade, entendimento e vontade ?

Sensibilidade—que lhe faz sentir o choque de qualquer objecto externo, ou a faculdade que tem a alma de ser affectada de qualquer modo;—intelligencia—ou entendimento que é a faculdade de conhecer, pela qual o homem sabe que sente, tem ainda o poder de saber que sabe, de conhecer que conhece e exercendo sua actividade que quer e que obra.

Esta faculdade que quando exercida em certo grão superior tem o nome de—razão—e juntamente com a consciencia, distingue o homem de todos os seres da creação.

A vontade que é a propria força da alma em acção, sem a qual nada se poderia fazer, pois tudo está dependente de nossa vontade em primeiro lugar.

Em fim, a propria alma que é a reunião perfeita e sublime das tres faculdades, e pela qual o homem recebe aos pés de Deos, o premio dos bens praticados sobre a terra e o castigo dos máos.

E' sendo a alma immortal o unico meio pelo qual Deus justo e misericordioso como é, pode galardoar o bom e castigar o máo; pois não é raro encontrar-se sobre a terra homens perversos, malignos, assassinos até, cheios de nobrezas, revestidos de cargos, ricos e poderosos, em quanto que outros de bom coração, caritativos, honrados, vendo-se cercados da mais dura pobreza e até muitos que mendigãõ o amargo pão da caridade publica !

Se recebessemos o premio e o castigo das boas ou más acções aqui na terra, por certo teriamos um Deus premiando o máo e deixando sem recompensa o bom e honrado; o que de bõa razão ninguem poderia perceber.

Assim, é só pela alma que elle pode distribuir sua severa justiça, dando o que de direito tocar a cada um; não com penas de um inferno imaginario e de um purgatorio feito pela gente de batina, com o fim somente de terem uma fonte onde apañhem o suor do povo necio que, mal sabe comprehender os deveres que teem para com Deus, comsigo e com a sociedade, e ignorãõ completamente o fim que teem e para que vierãõ ao mundo.

Um pequeno exemplo vem em apoio do que acabo de dizer:

«Supponha-se que existe um sujeito perverso que somente por espirito de malvadez mata a um outro bom, honrado e serio e que muitas das vezes é o unico sustentaculo de sua pobre familia.

Ao assassino, pela bõa razão, só pode caber o inferno, como justa punição da perversidade que commettêra, assim como ao bom terá o reino do Céu por motivo contrario.

Vai agora a familia do assassino e pede ao padre que lhe diga uma missa por alma de seu sobrinho, filho ou irmão.

O santo padre recebe os 25000 reis, se mais não custa e diz a missa.

A familia do bom, do que foi assassinado chega-se a elle e lhe faz igual pedido, sendo satisfeito logo depois.

Agora pergunto-vos: Qual a necessidade de uma missa pela alma do máo se elle só pode merecer as penas do inferno; e outra para a do bom se elle tem na mansão dos justos aquillo que talvez frade nenhum tenha a felicidade de gozar ?

Eis a razão porque o sacerdote em vez de ser como disse um contemporaneo, o écho da palavra de Deus, o colloço sublime da fé, a imagem perfeita da caridade, o balsamo sagrado da religião instruindo o povo e mostrando-lhe o verdadeiro caminho da vida, e o digno representante do Senhor; é muitas vezes o algoz, o inimigo do lar domestico, a sanguisuga do suor do povo consumindo-lhe o pouco que ganha, as mais das vezes com mil difficuldades e fadigas.

.....
 Voltemos a nossa poetica manhã; já o forte vencio o fraco; já a guerra favorecia aquelle amesquinhando este, e algumas nuvens rasgando se, deixavão passar atravez de seu argenteo véo muitos raios brilhantes do creador do dia, que ora embecia-se na corolla de uma angelica do campo, como para sugar-lhe o orvalho que tinha recebido durante a noite; ora entrelaçan-lo-se com as folhas dos arvoredos como para acordil-as, do somno doce em que ainda estavam, illuminava uma florinha que crescendo a beira d'uma fonte, entretinha-se a beijar o crystalino espelho das aguas correntes.

Era um quadro celeste: toda a natureza despertava n'este momento. Eu e mais dous companheiros viajavamos desde o romper d'alva, observando todo este esplendor, todos estes quadros que nos feria as vistas, e prendia nossa attenção, quando vimos uma cruz que jazia para um lado do caminho, a duas braças distante para dentro da matta, e indagando soubemos que era a lembrança de uma pobre rapariga que havia sido sepultada por occasião da terrivel secca que assolára tão barbaramente a provincia do Ceará.

A cruz éra feita de dous pedaços de pão cortados ali e amarrados por um cipó. Havia dous ou mais annos que se deo esse facto e ainda hoje permanece verde completamente os páos com que se fizeram aquelle symbolo, tendo na junção d'elle, ou onde se amarrão os cipós sahido muitos ramos que prefazem os raios que se uzão nas cruces.

E' uma cruz vejectando no meio de uma matta, signal da joven que acabou seos dias em busca do pão para sobreviver.

E' o symbolo da redempção crescendo e procurando por meio de seus raios dar vida ao corpo inanimado que jaz em seo pedestal!

E' uma lembrança quasi eterna que deve affron-tar os seculos para provar que a riqueza, o luxo, a vaidade, a miseria tudo enfim se mistura na campa.

Theresina—1882.

JULIO.

O bengali.

(CONTO)

Outr'ora era bella a voz do bengali.

A' tarde, na hora em que o sol empurpurece o mar das Indias, o bengali cantava.

A' sua voz os rouvinoes ciosos emmolecia; encantadas as borboletas prendião se nas flores; as flores fascinadas entreabrião-se; e, quando de alto do céu a andorinha ouvia o melo lioso cantar, a andorinha maravilhada descia, olvidando a viagem, olvidando a patria.

O bengali amou a uma rosinha branca, cuja existencia foi illuminada por um unico sol.

Elle cantou para elle.

Com sua voz ora doce e triste, como um prece, ora viva e alegre como a esperança, o bengali dizia:

—Eu conheço muitas flores encantadoras, vermelhas como o coral, azues como o ceu, douradas como as estrellas, umas debruçadas sobre o espe-lho das fontes, outras occultas nas sombras dos bosques: muitas florecendo nas bordas do mar e cujos perfumes seguem por muito tempo os mirra-ros que partem.

Mas a flor perfumada que fita o mar, a misteriosa que se esconde nos bosques, a faceira que mira-se nas fontes, são todas menos bella que tu, minha rosinha branca.

Amemo-nos, flor querida, sem teo amor o bengali deve morrer.

—E tuas azas!?. . respondeu tremendo a rosa; o passaro vôu, a flor, ai d'ella! . . .

—Os corações amantes não têm azas suspirou bengali.

Vem, diz a flor, minha corolla branca desdobrar-se-ha para ti.

A noite cahiu. Com todas as suas estrellas o ceu illuminou os seus amores. E até o dia seguinte as brisas perfumadas embalarão docemente a rosa e o cantor.

Mas aos primeiros raios da manhã. . . . a rosa morria. . . . o bengali chorava.

Genios do ar, dizia elle, tirai para sempre a vôs que me d'este, e fazei que minha rosa branca viva mais um dia!

Não, murmurou a flor moribunda, canta, canta bengali. Amaste-me: não sou feliz? Quantas flores sob a terra espirão sem serem amadas!

—Adeus, não te esqueças de mim.

Dous mil annos se passarão depois que a rosa

morreu; e ha dois mil annos que o bengali jamais tem cantado jamais tem amado.

Seo coração e todo saudades.

Sua vez não è mais que um gemido.

ANDRÉ LEMOYEN.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Origem da Imprensa no Brazil.—

São curiosos os seguntes pormenores sobre a origem da Imprensa no Brazil. José Freire de Montarroy Mascarenhas foi o primeiro que introduziu em 1715, o uso dos jornaes ou folhas periodicas, embora desde 1647 ou 1661 apparecessem em Lisboa folhas e gazetas noticiosas e politicas, cujos autores não estão de todo averiguados. Em meio do seculo passado, um acto do governo portuguez mandou destruir a unica imprensa levantada então no Brazil, por Antonio da Fonseca, no Rio de Janeiro, da qual havia sahido com data de 1747 a «Relação da entrada que fez o bispo D. Frei Antonio do Desterro Malinheiro escripta pelo juiz de fóra Luiz Antonio Rosado da Cunha»; e sabe-se que della tambem sahira, disfarçado com a indicação de «impresos em Madrid», o livro de exame de bombeiros. Antonio da Fonseca era protegido pelos jesuitas. No fim de 1808, anno em que veio de Portugal para o Rio de Janeiro a familia real, começou a publicar-se a Gazeta do Rio de Janeiro e na Bahia a Idade de Ouro do Brazil. Até 1820 sahiram duas vezes por semana estes dois pequenos periodicos. Em 1821 existiam oito jornaes nas localidades já indicadas e em Pernambuco, os quaes se occupavam exclusivamente com a politica do dia, censuras a empregados publicos e planos phantasticos de reformas sociaes.

Em 1822, começou a publicar-se o Diario do Rio de Janeiro, e foi o primeiro que deu exemplo de occupar-se de annuncios.

Em Dezembro de 1826 começou a Aurora Fluminense, periodico politico que durou oito annos e que gosou de voga extraordinaria durante seis annos, como director da opinião publica.

Em Setembro de 1828 existiam trinta e dois jornaes no Imperio exclusivamente politicos, e á excepção de tres ou quatro que admittiam annuncios e noticias commerciaes. Em Dezembro de 1835 os jornaes existentes somnavam 56, não havendo ainda jornaes nas provincias do Pará, Piahy, Goyaz, Matto-Grosso e Espirito-Santo.

Em 1846, o numero dos periodicos elevou-se a 78, contando-se os litterarios e scientificos: só na côrte havia doze. Os assignantes do Jornal

do Commercio subiam neste anno a 4:000, os do Diario a 2:000 e do Mercantil a 2:700.

O Jornal do Commercio principiou do tamanho de uma folha de papel de marca vulgar.

O primeiro impresso que se fez em Pernambuco, foi em 10 de Março de 1817, com o titulo de Preciso. defeza de um dos membros do governo provisorio.

A primeira typographia possuiu-a a Bahia: foi da Viuva Serra & Carvalho, por diligencia do Conde de Arcos.

A primeira publicação feita na provincia do Espirito-Santo, em Victoria, teve lugar em 1834, de um periodico chamado Estafeta, sahindo só o primeiro numero;—a typographia foi estabelecida por Ayres Vieira, sendo o primeiro periodico o Correio da Victoria.

Club Litterario Theresinense.—Ante-hontem teve lugar a installação d'esta Sociedade, em cuja sessão foi feita a eleição para os diversos cargos exigidos pela mesma.

Pelo presidente foi marcado o dia 25 d'este para nova sessão, afim de serem discutidos os estatutos que devem ser apresentados pela commissão nomeada.

Fazemos votos para que esta Sociedade que tantos beneficios trará á mocidade, trilhe o caminho desejado, e tenha um porvir brilhante e esperançoso.

Partida.—A bordo do vapor «Theresinense» no dia 15 do corrente, partio para a cidade da Parnahyba, o nosso distincto amigo Silvano Assumpção. Os seus amigos querendo mais uma vez, demonstrar a prova de amizade e consideração que lhè dedicão, mandarão postar ao porto do embarque a banda de musica do corpo policial, a qual executou differentes peças, durante o tempo preciso á partida do vapor.

Desejamos que o amigo faça uma prospera viagem, e seja feliz nos seus intentos.

Chegada.—Acha-se n'esta cidade o major Antonio da Costa Araujo, deputado á assemblea provincial. Prestou juramento e tomou assento hontem.

Desejamos-lhe que tenha feito boa viagem.

Passamento.—Falleceu a 15 deste, a virtuosa consorte do sr. Ricardo de Barros, victima de dolorosos e prolongados soffrimentos.

Apresentamos nossas condolencias ao inconsolavel esposo, e assim ao diguo irmão da finada o sr. João d'Araujo Costa.